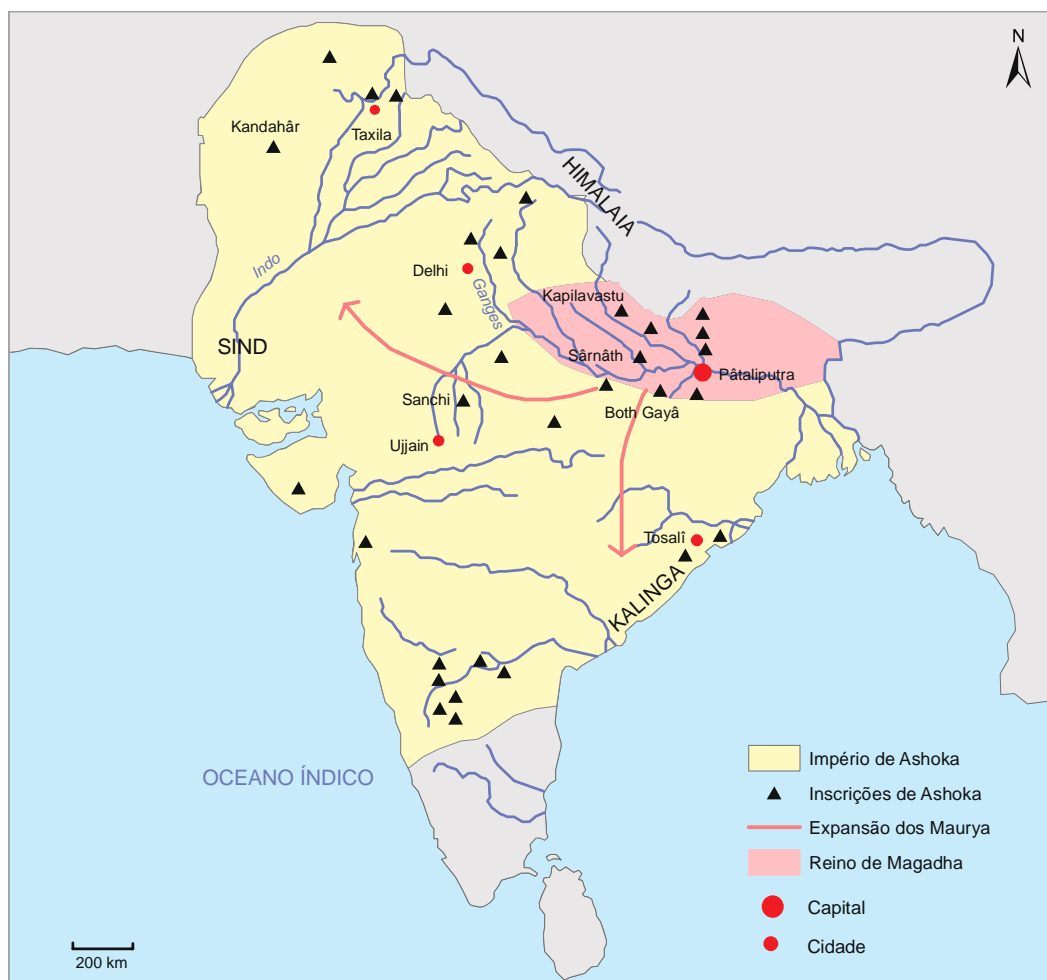


A Índia antiga na época Maurya (séculos IV-II a. C.)

Doc. 1 →
Império Maurya no seu
apogeu (séc. III a. C.)



Atividade:

Consulta um mapa físico e político da Ásia e o documento 1.

1. Verifica a localização de Timor-Leste relativamente ao subcontinente indiano.
2. Anota no teu caderno o nome dos acidentes naturais que facilitam ou que dificultam a comunicação entre as populações indianas e os povos vizinhos. Compara os dados que obtiveste com os dos teus colegas.

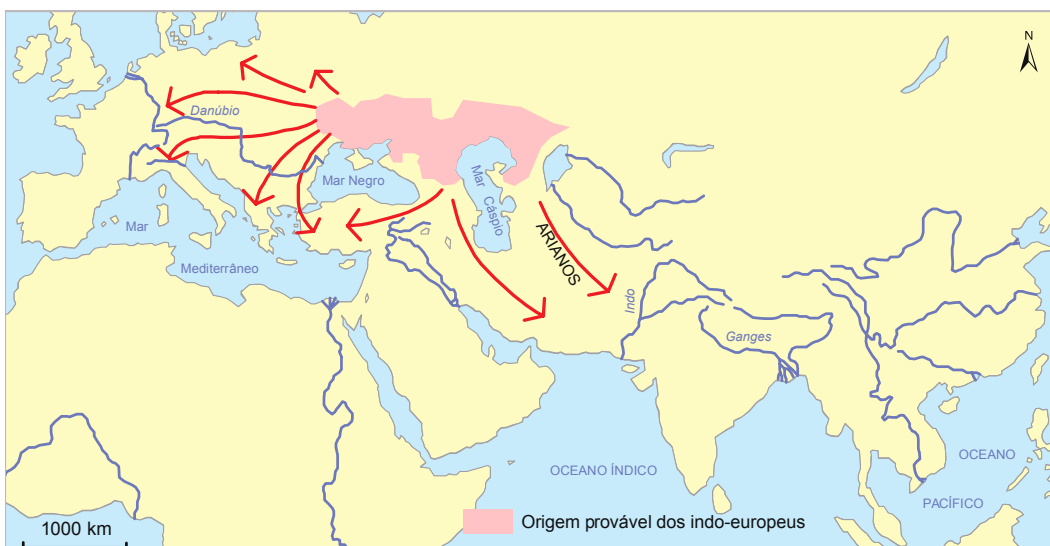
1. Raízes culturais: vedismo e budismo num mundo politicamente unificado. A sociedade: funções, classes e castas.

Do último quartel do séc. IV a. C. ao início do séc. II a. C., o Império Maurya unificou politicamente uma vasta região da Ásia, correspondente aproximadamente aos atuais Estados do Paquistão, República da Índia, Bangladesh, parte do Afeganistão e do Nepal (**Doc. 1**). A influência do Império Maurya estendeu-se ao Extremo Oriente e os seus governantes estabeleceram contactos diplomáticos e comerciais com o Ocidente.

Porém, muito antes da época do Império Maurya, o subcontinente indiano tinha já uma longa história, importante para compreendermos alguns aspetos da civilização indiana.



← **Doc. 2**
Inundação catastrófica, em agosto de 2010, no Punjab (rio Indo e afluentes).



← **Doc. 3**
Migrações de povos indo-europeus

Os vales do rio Indo e dos seus afluentes (**Docs. 1 e 2**), pelas condições naturais que ofereciam, água abundante, terras férteis, foram uma das regiões em que a humanidade mais cedo desenvolveu formas de vida organizada, a que chamamos civilização. As populações que se fixaram nessa região praticavam a agricultura e o comércio; construíram grandes cidades e conheciam a escrita, o que testemunha o seu avanço. Porém, como ainda não se conseguiu decifrar essa escrita, o nosso conhecimento baseia-se em descobertas arqueológicas. É por elas que sabemos que a «civilização do Vale do Indo» se desenvolveu na segunda metade do III milénio a. C. e que terminou em meados do II milénio a. C. Contudo, ainda hoje desconhecemos as razões que explicam o termo desta civilização. Alguns estudiosos levantam a hipótese de ter ocorrido uma catástrofe natural, obrigando as populações atingidas a abandonarem a região. Podem ter-se espalhado por áreas vizinhas, levando os seus costumes e as suas crenças; considera-se por isso a hipótese de algumas características da civilização indiana posterior terem origem na longínqua «civilização do Vale do Indo».

A partir de cerca de 1800 a. C., os **Arianos**, povos que falavam línguas indo-europeias, entraram no subcontinente indiano (**Doc. 3**), submetendo progressivamente as populações que aí se encontravam.

Arianos ou Árias - Subgrupo de povos indo-europeus que iniciaram a ocupação do Irão, Índia e regiões vizinhas, cerca de 1800 a. C., atingindo o sul da Índia (planalto do Decão) cerca de 500 a. C. As migrações dos indo-europeus, originários das estepes asiáticas, estenderam-se da Ásia central à Europa ocidental, razão do nome por que são conhecidos.

Doc. 4 →
As funções sociais na
literatura indiana

Entre os brahmanes, kshatriyas, vaishyas e sudras [...] as características foram distribuídas conforme as qualidades que predominam na sua própria natureza [...].

Tranquilidade, continência, mortificação, pureza, paciência, retidão, sabedoria, discernimento e crença na existência de outro mundo são as características próprias do brahmane, nascidas da sua própria natureza [função sagrada]. Heroísmo, glória, firmeza, destreza e intrepidez na batalha, liberalidade e condição régia são as características próprias do kshatriya, nascidas da sua própria natureza [função guerreira]. Agricultura, pastorícia e comércio são atividades que, devido à sua natureza, pertencem ao vaishya [função produtiva]. A servidão é própria do sudra e nasce também da sua natureza.

O homem que está contente com a ocupação que lhe é própria alcança a perfeição [...]. É melhor cada um cumprir o seu próprio dever [...] do que realizar o que é dever de outrem, mesmo que seja uma coisa excelente.

Mahâbhârata, Bhagavad-Guitá.

Atividade:

Depois de analisares o texto indica, por escrito, duas consequências de âmbito social, resultantes das ideias expressas.

1.1. A estratificação social

Sânscrito - «Perfeito». A forma clássica desta língua foi fixada no séc. IV a. C.; embora comum ao subcontinente indiano era usada apenas pelas classes cultas; deu origem a línguas e dialetos populares, os prâkrit. Existem semelhanças entre o sânscrito, o persa e o latim, explicadas pela origem comum destas línguas.

Os arianos eram povos com uma organização tribal e religião politeísta; a sua influência foi fundamental na formação da civilização indiana. Introduziram na Índia o **sânscrito**, língua indo-europeia em que foram compostos os mais antigos textos religiosos indianos - os **Veda** - que foram transmitidos oralmente, e muito mais tarde passados a escrito.

O mesmo processo, de transmissão e composição ao longo dos séculos, verificou-se com dois grandes poemas, o **Mahâbhârata** e o **Râmâyana**, hoje património cultural, não apenas da Índia mas de grande parte da Ásia. São **epopeias** que evocam a época de conquistas guerreiras dos indo-europeus, entrelaçando **mito** e realidade histórica. Nesses poemas, as referências a «reis» indianos dizem provavelmente respeito a chefes de tribos.

Estes antigos textos, embora não tenham rigor histórico, revelam aspetos significativos do pensamento e da sociedade da Índia antiga. Documentam, por exemplo, as suas crenças e a origem da divisão da sociedade indiana em classes, ou **varna** (**Doc. 4**), divisão que no mais antigo dos textos sagrados indianos, o *Rig-Veda*, se considera ter origem divina.

Veda - «Saber». Conjunto de quatro recolhas da tradição oral que são consideradas a *Revelação* de verdades divinas.

Mahâbhârata - «A Grande Guerra dos Bhârata», epopeia mundial de autor anónimo; alguns historiadores pensam que pode evocar uma batalha ocorrida c. de 900 a.C.

Râmâyana - «Feitos heróicos de Rama», atribuída tradicionalmente a Vâlmiki. Alguns dos seus episódios são ainda hoje celebrados em diversas festividades do Sudeste Asiático.

Epopeia - Narrativa em prosa ou verso que exalta ações de heróis lendários ou históricos.

A primeira classe é a dos Filósofos [Brahmanes] que, em número, são inferiores a todas as outras, mas, em dignidade, os mais importantes. Sendo os filósofos isentos de todas as funções públicas, não são nem senhores nem servos de outros. São, no entanto, contratados por particulares para oferecerem os sacrifícios devidos em vida e celebrarem as exéquias na morte, porque se acredita que eles são os preferidos dos deuses e os mais familiarizados com os assuntos relativos ao mundo dos mortos. Em retribuição de tais serviços recebem presentes valiosos e privilégios. Megasthenes, *Indica*.

← **Doc. 5**

A sociedade indiana vista por um escritor grego (c. 300 a. C.)

Atividade:

Compara a informação contida nos dois documentos relativos à sociedade indiana (Docs. 4 e 5). Procura num dicionário a origem e o significado do termo «filósofo» e justifica a atribuição desse nome aos brahmanes, pelos escritores gregos.

Como podemos ver nos documentos (**Docs. 4 e 5**), a classe mais respeitada era a dos *brahmanes*. Competia-lhes estudar e ensinar os Veda. Assim, podiam realizar os rituais de culto às divindades. Nesses rituais, o fogo tinha uma importância central. Acreditava-se que as fórmulas religiosas utilizadas tinham poder mágico e que só a sua rigorosa repetição garantia a eficácia dos **sacrifícios** efetuados. Alguns *brahmanes* dedicavam-se apenas à vida religiosa; muitos eram protegidos pelos reis que lhes cediam terras. A outra classe superior da sociedade indiana era a dos *kshatriya*, com funções de defesa e de governação; eram donos de terras. A esta classe pertenciam os reis, e nela podiam integrar-se até os chefes guerreiros estrangeiros. Seguia-se a classe dos *vaishya*, camponeses, pastores, comerciantes; muitos destes eram ricos e emprestavam dinheiro a juros. Nos textos védicos mais antigos são mencionadas apenas estas três classes. Era uma divisão social também existente noutras populações indo-europeias.

Sacrifício - Ação considerada com valor sagrado.

Casta - A palavra foi usada inicialmente pelos portugueses, no séc. XV, para designarem as numerosas divisões sociais que encontraram na sociedade indiana da época. Muitas vezes a palavra é usada, indistintamente, para designar os *varna* e os *jâti*.

Em textos védicos posteriores surge uma quarta classe, a dos *sudra*. Eram considerados servidores das restantes. Não podiam recitar nem ouvir os hinos védicos. Esta proibição devia-se talvez ao facto de serem descendentes de populações vencidas pelos arianos. Abaixo dos *sudra*, existiam ainda os «intocáveis» que desempenhavam funções consideradas impuras, como transportar e incinerar os mortos e executar os criminosos; viviam em bairros isolados.

Havia portanto uma **estratificação social** relacionada com as funções desempenhadas. Estas grandes divisões permaneceram na civilização indiana, correspondendo a cada classe uma regra de conduta moral (**dharma**), com os seus direitos e deveres específicos.

Ao longo dos tempos, dentro dos quatro *varna* surgiram numerosos subgrupos, as **castas**, ou *jâti*. Estes subgrupos acentuaram os preceitos já existentes dentro das quatro classes, por exemplo, quanto à hereditariedade, aos casamentos e à prática de refeições conjuntas.

Doc. 6 →
A natureza de *Brahman*

No princípio tudo era Brahman, ÚNICO e infinito. Ele é independente do norte e do sul, do leste e do oeste [...]. A sua infinitude está em toda a parte [...].

O Espírito Supremo é incomensurável, incompreensível, impossível de conceber, nunca nascido, para além do raciocínio, para além do pensamento.

Upanishad

Atividade:

Algumas interpretações consideram que o bramanismo evoluiu no sentido do monoteísmo.

Achas que este documento justifica essa interpretação? Indica as razões da tua resposta.

1.2. A inquietação religiosa na sociedade estratificada

Brahman - Inicialmente, no período védico, a palavra designava apenas o poder mágico da fórmula ritual.

A importância dada no **vedismo** aos rituais de oferendas aos deuses, pelos quais se pretendia ganhar a sua proteção, conduziu, ao longo dos séculos, ao reforço da importância social da classe sacerdotal dos brahmanes.

Acresce que, num esforço de interpretação dos Veda, os brahmanes foram elaborando novos textos sagrados, os *Brâhmana*, «explicações», e os *Upanishad*, «lições», dando origem a um sistema filosófico e religioso – o **bramanismo**.

A reflexão sobre a relação entre a existência de cada indivíduo e aquilo que a transcendeu levou os brahmanes a desenvolverem a conceção de um ser único, universal, **Brahman (Doc. 6)**, presente também no interior de cada indivíduo, *âtman*.

Desenvolveram ainda a doutrina da transmigração, **samsâra**, segundo a qual a alma de cada indivíduo está condenada a reencarnar sucessivamente, em consequência do *karma*, ou seja, do peso dos atos e dos pensamentos individuais. Para o bramanismo, o ciclo de reencarnações só teria fim com a fusão da alma individual na universal.

Na sociedade indiana dos séculos VII e VI a. C., estas inquietações conduziram a uma época de especulação filosófica e de constituição de seitas religiosas. Mestres e discípulos discutiam problemas como o da relação entre os deuses e a criação do mundo, a natureza da realidade, e as opções de comportamento humano para evitar a reencarnação.

Foi neste clima que se desenvolveram o **budismo** e o jainismo, escolas de pensamento que contestavam a predominância social dos brahmanes e constituíam uma **heterodoxia** relativamente ao bramanismo.

O Jainismo, fundado por um *kshatriya*, Mâhavira (c. 540-468 a. C.), indicava como via para a salvação o abandono da vida ativa e a entrada numa vida monástica. Defendia o vegetarianismo, como forma de praticar a **ahimsa**, ou não-violência, pois considerava que eliminar seres vivos agravava o peso de um mau *karma*.

Doc. 7 ↓

Os ensinamentos de Buda aos monges seus discípulos - *As Quatro Verdades*

Eis, ó monges, a Santa Verdade sobre a dor: o nascimento é dor, a velhice é dor, a doença é dor, a morte é dor, a união com o que não amamos é dor, a separação de quem amamos é dor, não obter o que desejamos é dor [...].

Eis, ó monges, a Santa Verdade sobre a origem da dor: é o desejo que conduz de renascimento em renascimento [...]: o desejo de prazer, de existência, do que não permanece.

Eis, ó monges, a Santa Verdade sobre a supressão da dor: a aniquilação total do desejo [...].

Eis, ó monges, a Santa Verdade sobre o caminho que leva à supressão da dor: é o caminho sagrado de oito ramos que se chamam fé pura, vontade pura, linguagem pura, ação pura, meios de existência puros, aplicação pura, memória pura, meditação pura.

Não é por ter cabelo entrançado, nem por nascimento que alguém se torna brahmane. Mas aquele em quem moram a verdade e a retidão, esse é puro, e é um brahmane [...]. Aquele que deixou de molestar os fracos e os fortes, que não mata nem é causa de morte - a esse eu chamo um brahmane.

Faz de ti uma ilha, esforça-te e sê sábio. Purifica-te e [...] não nascerás de novo, nem envelhecerás. Os erros dos outros são vistos facilmente, mas os nossos próprios erros são dificilmente detetados.

← Doc. 8

Os ensinamentos de Buda - um novo sentido para a palavra brahmane.

← Doc. 9

Os ensinamentos de Buda - o comportamento

Atividade:

Os documentos 7 e 8 contêm princípios que facilitaram a aceitação do budismo em diversos setores da sociedade indiana. Transcreve duas frases que fundamentem esta afirmação. Justifica a tua escolha.

1.3. O budismo

O budismo surgiu no século V a. C, não como uma religião organizada em torno de uma crença em divindades a que se prestava culto, como o vedismo, mas como uma doutrina centrada na possibilidade de encontrar um caminho para ultrapassar o sofrimento da existência (**Doc. 7**). Foi fundado por Sidharta Gautama, um *kshatriya*, que viveu talvez no século VI ou V a. C.

Buda nada escreveu, mas os seus discípulos recolheram os seus ensinamentos e passaram-nos a escrito. Viveu no reino de Magadha (**Doc 1**), e pregou na língua (magadhi) falada nesse Estado, para que todos pudessem compreendê-lo.

Buda não contestava a divisão em classes, mas opunha-se ao bramanismo, pois considerava que o valor de cada indivíduo não decorria do seu grupo social, mas da capacidade pessoal de caridade e compaixão (**Docs. 8 e 9**).

Buda - «O Iluminado», designação dada a Sidharta Gautama (respetivamente, nome e sobrenome); também designado por Shakyamuni (sábio da família dos Shakyas); *Bhagavad* (bem-aventurado); *Tathâgata* (Perfeito); *Jina* (vitorioso).

Doc. 10 →
O «caminho do meio»,
nas palavras de Buda

Há dois extremos, ó monges, de que aquele que pretende uma vida espiritual se deve afastar [...]. Um é uma vida [...] dedicada ao gozo dos prazeres; isso é indigno, ignóbil, contrário ao espírito, vão. O outro é uma vida de macerações: isso é triste, indigno, vão.

O Perfeito afastou-se desses dois extremos, e abriu o caminho que se estende no meio, o caminho que descerra os olhos e o espírito, que leva ao repouso, ao conhecimento, à iluminação, ao **nirvana**.

Atividade:

A partir dos documentos 7 a 10 e do que já aprendeste, elabora um pequeno texto em que esclareças em que consiste o «caminho do meio».

Nirvana - «Extinção». Fim das reencarnações, quando cessam pensamento, sensação, vontade.

Dez Preceitos - Não destruir a vida, não roubar, não ser impuro, não mentir, não beber álcool, não comer fora das horas prescritas, não participar em espetáculos, não se perfumar nem enfeitar, não usar camas ou assentos elevados ou espaçosos, não receber ouro nem prata.

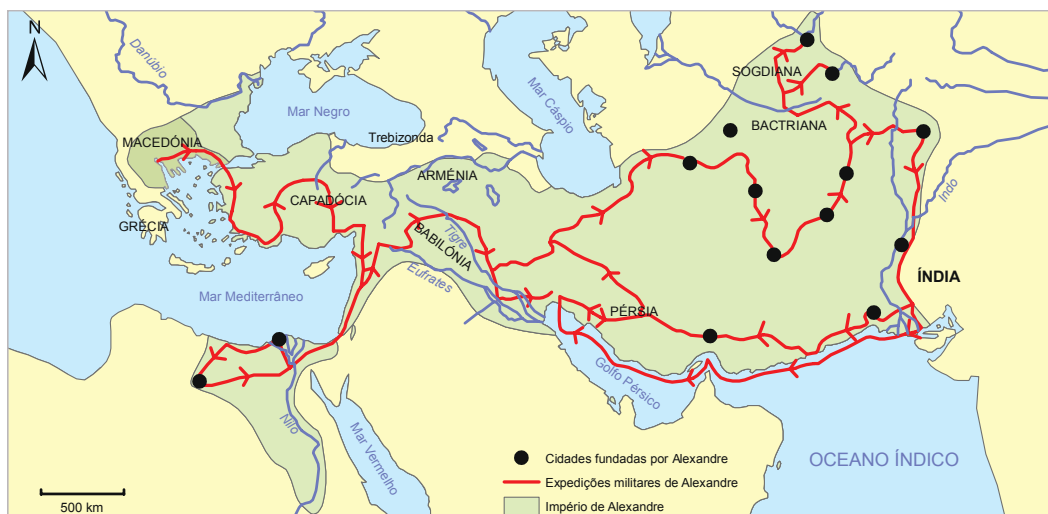
Cânone - Conjunto de princípios e regras de uma doutrina.

O budismo opunha-se também ao bramanismo porque considerava que a salvação, ou seja, a libertação do ciclo de reencarnações, era possível para toda a humanidade (**Doc. 9**). A nova doutrina defendia, tal como o jainismo, a *ahimsa*, a não violência; mas ao contrário do jainismo recusava uma vida de mortificação (**Doc. 10**). Em vez dos complicados rituais dos brahmanes recomendava as ações caritativas.

De acordo com os discípulos de Buda, este adiou o acesso ao **nirvana** para poder divulgar as vias da salvação. Após a iluminação, em que atingiu *As Quatro Verdades*, Buda consagrou a vida a difundir a nova mensagem (**Doc.7**), juntamente com os discípulos com quem constituiu um grupo de monges mendicantes. O budismo encontrou seguidores, não apenas entre os mais desfavorecidos, mas também entre os *kshatriya*, e entre ricos comerciantes da classe dos *vayshia* e atraiu a simpatia do próprio rei do Estado de Magadha.

Segundo o budismo, a salvação podia ser alcançada por todos, mas a melhor via era a entrada na vida monástica, na qual se realizava o «caminho de oito ramos» (**Doc. 7**) que conduzia à «supressão da dor» e exigia o cumprimento de **Dez Preceitos**.

Após a morte de Buda, uma primeira assembleia de monges, perto de Rajâgriha, fixou as regras da vida monástica e preceitos de doutrina e de comportamento, iniciando a fixação do **cânone**. Uma segunda assembleia reuniu em Vaiçâli, cerca de 380 a.C., procurando resolver divergências que entretanto tinham surgido entre os discípulos de Buda. A terceira reuniu em 242 a. C., em Pâtaliputra, nova capital do Império Maurya, sob a proteção do Imperador Ashoka. Foi com este imperador que se verificou, no séc. III a. C., a primeira grande expansão do budismo.



← **Doc. 11**
O Império Helenístico - da Europa oriental ao rio Indo (séc IV a. C.)

Não se pense que a vitória pelas armas merece o nome de conquista; que não se veja nela senão desgraça e violência. Que só se considerem como verdadeiras conquistas as da Lei sagrada (Dharma); elas têm valor neste mundo e no outro. Que se dê toda a atenção aos prazeres da Lei, porque eles têm o mesmo valor, quer neste mundo quer no outro.

← **Doc. 12**
O arrependimento do Imperador Ashoka depois das grandes conquistas

Atividade:

1. Efetua com os teus colegas uma pesquisa para elaborarem uma pequena biografia de Alexandre o Grande, fundador do Império Helenístico (Doc. 11).
2. Indica os princípios do budismo presentes nas palavras do Imperador Ashoka (Doc. 12).

1.4. A unificação política da Índia e a expansão do budismo

As transformações religiosas na Índia antiga, no século IV a. C., deram-se na mesma época que outras transformações económicas, sociais e políticas. A dinastia Maurya unificou grande parte da Índia.

O seu fundador foi Shandragupta que, em 321. a. C., iniciou a formação do Império. A partir do reino de Magadha, que controlava o vale do rio Ganges (**Doc 1**), recuperou territórios no Norte da Índia, que anteriormente tinham sido invadidos e integrados, primeiro no Império Persa e, depois, no **Império Helenístico (Doc 11)**. Preocupou-se com a justiça e a organização do Estado e estabeleceu alianças com reis estrangeiros. Terminou o seu reinado renunciando ao trono, para se tornar monge.

O neto de Shandragupta, Ashoka, iniciou o reinado em 269 a. C., eliminando violentamente os seus opositores. Durante um período de oito anos expandiu o Império em ações de conquista, o que lhe valeu a designação de *Terrível*. Porém, após a conquista da região de Kalinga (**Doc. 1**), alterou radicalmente a sua conduta política (**Doc. 12**).

Império Helenístico - Resultou das conquistas de Alexandre (336-323 a. C.), rei da Macedónia que pretendia unir o Ocidente e o Oriente. O Império ficou conhecido como helenístico por divulgar a cultura grega ou helénica. Após a morte de Alexandre, o Império desagregou-se em vários reinos que mantiveram contactos com a Índia.

Doc. 13 →
Peregrinações e viagens

Vinte anos depois da sua coroação, o Rei Amado-pelos-Deuses visitou este local e prestou culto, porque Buda, o sábio dos Shakyas, nasceu aqui [...].

No passado, os reis costumavam ir em viagens de lazer, durante as quais havia caçadas e outros divertimentos. Mas, dez anos depois de o Rei-Amado -pelos-Deuses ter sido coroado [...] instituiu as viagens da Lei sagrada. Durante estas viagens, têm lugar [...]: visitas e presentes aos brahmanes e ascetas, visitas e presentes aos idosos, visitas aos camponeses, instruindo-os na Lei e discutindo com eles a Lei, como é desejável. É isto que satisfaz o [...] Rei.

Doc. 14 →
Stûpa Sarnâth -
Monumento votivo,
honrando relíquias de
Buda, perto do local da
sua primeira pregação.



Atividade:

1. Ashoka intitulava-se «Rei-Amado-pelos-Deuses». Indica o que pretendia o Imperador com uma tal designação.
2. Explica a relação entre as afirmações de Ashoka e a prática da *ahimsa*.

2. A monarquia universal: extensão e limites

Proselitismo - Esforço para divulgar uma crença.

Peregrinações - Visitas piedosas a locais relacionados com os acontecimentos mais significativos da vida de Buda: Kapilavastu (nascimento), Bodh Gayâ (iluminação); Sarnâth, próximo de Varanasi, ou Benares (primeira pregação); Kusinâra (morte, parinirvana).

Relíquia - Objeto que pertenceu ou teve contacto com seres considerados sagrados.

A conversão de Ashoka ao budismo esteve certamente na origem da mudança verificada. Para divulgar os princípios da sua nova fé, mandou gravar em rochedos, ou em pilares com capitéis esculpidos, numerosas inscrições (**Doc. 1**), com as orientações a respeitar.

Com Ashoka, o budismo tornou-se, no séc. III a. C, religião de Estado. No entanto, apesar do seu **proselitismo**, as preocupações de carácter moral levaram-no a não excluir outras religiões e até a proteger e a fazer doações a monges de outras comunidades religiosas.

Em cumprimento da doutrina da não-violência, *ahimsa*, Ashoka substituiu as caçadas, divertimento régio tradicional, por **peregrinações** piedosas e por viagens de apoio à população (**Doc. 13**). Para dar exemplo de respeito religioso, mandou erigir monumentos (*stûpa*) para abrigar as **relíquias** de Buda (**Doc. 14**).

Ashoka enviou também missionários a diversas regiões. Ainda no seu reinado, o budismo alastrou à região do atual Sri Lanka, ao atual Myanmar (Birmânia), e iniciou a penetração no Sudeste asiático. Difundi-se a ocidente, nos reinos da Síria, Egito, Macedónia, Cirenaica, Epiro, cujos governantes estabeleceram alianças com o Imperador Maurya. No séc. I d. C., o budismo entrou na China. A rede de rotas comerciais abertas então na Ásia facilitou a expansão do budismo.

Doc. 15 ↓

O Imperador estabelece os princípios a respeitar

O respeito pela mãe e pelo pai é bom [...]; não matar seres vivos é bom, moderação nos gastos e nas despesas é bom. O Conselho notificará os funcionários sobre a observância destas instruções.

Doc. 16 ↓

A conceção paternal do poder

Todos os homens são meus filhos. O que desejo para os meus próprios filhos, bem-estar e felicidade, neste mundo e no próximo, desejo para todos os homens [...]. Onde não estavam disponíveis as ervas medicinais necessárias para os homens e os animais, importei-as [...]. Ao longo das estradas abri poços e plantei árvores, para beneficiar homens e animais.

Ordenei que a qualquer hora [...] me comuniquem os assuntos relativos ao povo, para que eu os possa despachar [...]. E quando os funcionários tiverem assuntos urgentes a tratar, isso deve ser-me comunicado imediatamente [...]. Considero que o bem-estar de todos é o meu dever [...] e por mais esforços que faça, destinam-se apenas a retribuir a dívida que tenho para com todos os seres, para assegurar a sua felicidade nesta vida, e atingir o paraíso na outra. Esta norma foi feita para permanecer e para que os meus filhos, os meus netos e bisnetos atuem em conformidade, para o bem-estar do mundo.

Que os oficiais de justiça da cidade se esforcem para cumprir o seu dever e que o povo sob as suas ordens não sofra prisão injusta ou maus tratos. Para fazer cumprir isto, enviarei funcionários, de cinco em cinco anos, que não sejam cruéis mas compassivos, que possam assegurar que os oficiais de justiça compreenderam o meu objetivo e que possam agir de acordo com as minhas instruções [...].

Em vinte e seis anos, desde a minha coroação, foi concedida amnistia aos prisioneiros vinte e cinco vezes.

← **Doc. 17**

O exercício do poder

Atividade:

Das medidas governativas tomadas por Ashoka, indica três que consideres mais importantes.

Justifica, por escrito, a tua escolha. Discute com os teus colegas as conclusões a que chegaste.

A ação unificadora do Imperador verificou-se na sequência das mudanças sociais que o mundo indiano atravessava; a adoção do budismo facilitou a unificação política. O estabelecimento de um poder centralizado, mas em que o poder do rei se considerava limitado pela lei sagrada, e em que se promoviam princípios de não violência, permitiram obter a segurança e a ordem (**Docs. 15 e 16**).

O imperador era auxiliado no governo por um Conselho, composto por pessoas mais velhas e experientes. Existiam ministros que se ocupavam das finanças, dos assuntos estrangeiros, das questões militares e da justiça. O Império estava dividido em quatro províncias, governadas geralmente por membros da família do Imperador, responsáveis pela receção de impostos, segurança e defesa, e assistidos também por Conselhos.

Numerosos funcionários garantiam, através de inspeções periódicas, o cumprimento das orientações políticas (**Doc. 17**), e foram também dadas instruções para que fosse vigiada a conduta dos monges, que deveria ser exemplar.

Apesar de assegurada a paz, continuava a existir, por razões defensivas, um numeroso exército; existiam também serviços de espionagem. Os princípios morais defendidos não levaram Ashoka a abolir a pena de morte; contudo, concedia aos condenados um período de três dias para organizarem os seus negócios e proporcionava amnistias periódicas (**Doc. 17**).

Doc. 18 →
Rotas comerciais na
época Maurya



Atividade:

1. Indica qual era a política de impostos aplicada no Império Maurya.
2. Explica a relação entre as principais vias de comércio e os acidentes geográficos.

2.1. Economia e sociedade no Império

No Império Maurya, a economia era controlada pelo Estado. As minas, as salinas e as florestas eram exploradas diretamente, através de escravos, ou indiretamente, através de concessão temporária a privados. O Estado tinha o monopólio do fabrico de armas e de navios (que alugava a comerciantes e a pescadores) e possuía oficinas de tecelagem. Sobre a terra e as águas, também pertença do Estado, incidiam impostos de uso. No caso da agricultura, chegavam a abranger um quarto da colheita. Estavam isentos de impostos as crianças, as mulheres, os estudantes, os ascetas e os brahmanes com funções sacerdotais.

As atividades comerciais e artesanais contribuía para a prosperidade do Império. Rotas comerciais marítimas e terrestres (**Doc. 18**) proporcionavam trocas no interior do subcontinente indiano e a longa distância. O império importava vidros, cerâmica e vinho, e exportava arroz, açúcar, tecidos, laca, marfim, especiarias. Circulava moeda e os preços eram fixados pelos funcionários imperiais.

O Estado mantinha campanhas de obras públicas, assegurando a manutenção dos caminhos e dos canais e um serviço de barças para transporte nos rios.

Uma população de cerca de 180 milhões vivia assim num Estado vigilante, que procurava controlar todos os recursos.



← **Doc. 19**
Stûpa Sanchi
Vista de conjunto e
pormenor do corredor
processional

Atividade:

Identifica, no edifício retratado na imagem, a influência das antigas construções em madeira.

3. Profano e sagrado nas artes e na literatura

A prosperidade do Império na época da dinastia Maurya, especialmente no reinado de Ashoka, permitiu aos governantes cumprirem o seu dever de protetores das artes.

No domínio da arquitetura, foi a partir desta época que se desenvolveram as construções em pedra. Continuou, no entanto, a edificar-se em madeira, o que teve como consequência o desaparecimento de muitos edifícios.

As grandes construções eram destinadas a funções religiosas, sendo as mais importantes os *stûpa*, para venerar lugares considerados sagrados, e os mosteiros-santuário.

Os *stûpa* (**Doc. 19**) tinham planta circular e, no centro, uma pequena sala para o relicário. Simbolizavam o universo e eram cobertos por uma abóbada semiesférica, encimada por uma coluna com capitel, ou por um guarda-sol, evocando dignidade. Em redor existia uma cerca circular que delimitava um espaço para procissões. Muitos dos *stûpa* construídos no período Maurya foram reconstruídos ao longo dos séculos, como é o caso do *Stûpa Sanchi*, edificado inicialmente por Ashoka, e hoje considerado património da humanidade. Foi mais tarde acrescentado e embelezado com esculturas e quatro portais, assinalando os pontos cardeais.

Muitos monumentos, embora edificados em pedra, apresentam um aspeto imitando a madeira, recordando as primitivas construções. Os *caitya*, mosteiros-santuário, eram grutas artificiais, escavadas na rocha pelas populações que participavam nos trabalhos como ocupação piedosa. Tinham planta alongada e uma sala para colocação do relicário, rodeada pelas celas dos monges.

A escultura atingiu grande desenvolvimento mas, nesta época, não é representada a figura de Buda, a não ser de forma simbólica. O nascimento é lembrado pela flor de lotus; a iluminação, pela figueira; a pregação, pela Roda da Lei (*cakra*). Esta aparece frequentemente nos capitéis que são também ornamentados com figuras de animais, por vezes em movimento.

Doc. 20 →
Capitel de coluna com
inscrição mandada
gravar por Ashoka.



↓ **Doc. 21**

A relação matrimonial

A esposa é a metade do homem, o seu melhor amigo.

Pela esposa realiza grandes obras

Por ela encontra coragem.

A esposa é o seu mais seguro refúgio

Upanishad

Atividade:

Recorrendo à informação contida no texto informativo, explica o significado da escultura reproduzida na imagem (Doc. 20 e pág. 9).

Ética - Princípios e valores que orientam o comportamento humano.

As figuras de animais mais frequentes eram o leão, símbolo de realeza, ou do próprio Buda; o cavalo, também associado aos reis; e o zebu, símbolo do trabalho. Por vezes, as esculturas ornamentais colocadas nos edifícios ou em capitéis de colunas apresentavam um polimento espelhado, talvez obra de artesãos estrangeiros (**Doc. 20**).

Mais tarde, nos primeiros tempos da era cristã, a escultura religiosa passará a incluir representações da figura humana, provavelmente por influência grega, resultante dos contactos com os reinos helenísticos.

Os reis protegiam também as representações teatrais que animavam as cerimónias da corte.

No início da representação havia sempre uma invocação aos deuses; quanto à ação, desenrolava-se intercalando acontecimentos passados em locais, ora próximos, ora distantes, juntando épocas diferentes, sem preocupação de unidade de tempo e de lugar. O final era sempre feliz, independentemente dos problemas que pudessem ter-se desenrolado; era também regra não se representar a violência.

Os temas evocavam mitos tradicionais, que o novo autor adaptava. Os grandes textos religiosos e as grandes epopeias estavam sempre presentes. Integravam crenças e tradições longínquas, transmitindo preceitos morais e normas de vida (**Doc. 21**). Eram considerados fonte de ensinamento, retomado ao longo dos tempos. O *Mahâbhârata*, por exemplo, constituía um código de virtudes masculinas; o *Râmâyana*, um modelo para os chefes de família. A primeira epopeia integra o *Bhagavad Guitá* (*O Canto do Bem-Aventurado*), ainda hoje considerado o texto fundamental da ética hindu.

As duas epopeias, onde se cruzam deuses e heróis, testemunham a profunda interpenetração entre sagrado e profano e a permanência de tradições longínquas.



← **Doc. 22**
Expansão do budismo na Ásia



← **Doc. 23**
Rama e a sua esposa Sita

Atividade:

Procura informação sobre as grandes epopeias indianas e sobre as regiões da Ásia do Sudeste onde se realizam festividades evocando o mito de Rama. Compara os dados que obtiveste com os dos teus colegas.

3.1. Unidade civilizacional

Do período Maurya decorreu a expansão do budismo, que se espalhou pelo continente asiático, assumindo diversas formas (como é o caso da corrente **Theravada** e da **Mahayana**). Nos dias de hoje, o budismo é uma das religiões universais; contudo, na Índia, seu local de origem, é atualmente religião minoritária, sendo o **hinduísmo** a maioritária, com cerca de 81% de praticantes.

O budismo, que inicialmente era mais uma disciplina do que uma religião, ao advogar o abandono da vida ativa, contrariava a tradição hindu, de desenvolvimento da família. Quanto ao hinduísmo, foi integrando ao longo dos tempos longínquas crenças **animistas** e o contributo védico, construindo um **panteão** complexo, em que os vários deuses se completam e se transfiguram, numa **cosmogonia** intrincada, onde se destaca uma trindade constituída por Brahma, Xiva, e Vishnu, este que por sua vez se desdobra em múltiplas manifestações, ou **avatars**. O hinduísmo respondia assim, desde os finais do período védico, quer às preocupações quotidianas, quer ao respeito pela tradição, traço fundamental da civilização indiana.

Animista - Que atribui à natureza motivações e intenções próprias dos seres animados.

Panteão - Conjunto de deuses, numa religião politeísta.

Cosmogonia - Princípios (religiosos, míticos ou científicos) que procuram explicar a origem do universo.

Avatara - «Descida», encarnação de uma divindade.

Budismo Theravada
- *Thera*-antiga, *vada*-doutrina: interpretação mais restrita da doutrina, e mais próxima das exigências monásticas, remontando à época de Ashoka. Mais difundido no Sri Lanka, Myanmar, Cambodja, Laos, Vietname.

Budismo Mahayana
- Interpretação mais alargada da doutrina: a finalidade última não é escapar ao ciclo das reencarnações mas auxiliar o semelhante a alcançar a libertação. Mais difundido na China, Coreia e Japão.